



UFES

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS**

FAGNER AVELINO FARIA

**ESPORTE DA ESCOLA E AS DIFERENTES METODOLOGIAS DE
ENSINO**

**Vitória
2026**

FAGNER AVELINO FARIA

**ESPORTE DA ESCOLA E AS DIFERENTES METODOLOGIAS DE
ENSINO**

Trabalho apresentado à Universidade Federal do Espírito Santo como trabalho de conclusão de curso, com fim de obtenção da avaliação parcial da disciplina de TCC III do curso de Licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ligia Ribeiro e Silva Gomes

VITÓRIA
2026

FAGNER AVELINO FARIA

ESPORTE DA ESCOLA E AS DIFERENTES METODOLOGIAS DE ENSINO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para conclusão do curso.

Aprovado em:

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Ligia Ribeiro e Silva Gomes (Orientadora)

Prof. Dr. Jean Carlos Freitas Gama (Banca)

Prof. Lucas Poncio (Banca)

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”

- *Paulo Freire*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Profª Drª Ligia Ribeiro e Silva Gomes por seu apoio e orientações durante a elaboração deste trabalho e pelo exímio trabalho enquanto docente da Universidade Federal do Espírito Santo.

Agradeço a esta instituição de ensino pelos seus anos de contribuição para minha formação enquanto indivíduo e cidadão nesta sociedade. Sem todas as vivências e experiências que tive ao longo da graduação dentro do espaço acadêmico, hoje eu não seria um profissional competente e consciente da minha identidade.

À todo apoio, carinho e dedicação que meus pais e familiares tiveram comigo durante a graduação que me possibilitou completar de forma íntegra esta fase da minha vida, meus mais sinceros agradecimentos e gratidão por todo gesto de cuidado e compreensão.

E por fim, mas não menos importante, à mim, dedico este trabalho como resultado do fruto não apenas de uma pesquisa, mas também de todos os anos de luta e força que tive para que hoje pudesse ser possível minha formação enquanto profissional da Educação Física.

RESUMO

Este trabalho utilizou-se como método de pesquisa de revisão bibliográfica, a fim de levantar a produção do conteúdo esporte nas aulas de Educação Física Escolar que forneça subsídios para pautar os conhecimentos aqui expostos. Tem como objetivo analisar a produção do conhecimento acerca do esporte escolar e as diferentes possibilidades de intervenções pedagógicas nos periódicos de impacto do campo da Educação Física, tomando como recorte temporal 2005 a 2025. Levantamos títulos de revistas e periódicos como Motrivivência; Motriz; Pensar a prática; Movimento; UEM; RBCE e ainda utilizamos o portal Scielo. Assim, foram encontrados 43 títulos que, após análise, foram sedimentados 22 títulos para compor esta pesquisa. Os resultados nos levam ao ensino através de modelos híbridos que se mostram positivos dentro de perspectivas específicas, mas deixam questionamentos sobre seu êxito nas aulas de educação física na realidade das escolas públicas brasileiras.

Palavras-chave: Educação Física, Esporte Escolar, Modelos de Ensino do Esporte.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	8
2.OBJETIVOS.....	11
3.JUSTIFICATIVA.....	11
4.MÉTODO.....	12
4.1 Seleção dos títulos.....	12
4.2 As categorias encontradas.....	13
5.EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E O ESPORTE COMO CONTEÚDO HEGEMÔNICO....	14
5.1 Educação Física, História e Legitimação.....	15
5.2 Educação Física Escolar e a legitimação por meio da LDB/1996.....	16
6.O ESPORTE DA ESCOLA.....	24
7.MODELOS DE ENSINO HÍBRIDO DO ESPORTE.....	27
8.REFERÊNCIAS.....	34

1. Introdução

A temática deste trabalho se forma a partir da investigação das práticas pedagógicas utilizadas nas aulas de Educação Física (EF) para abordar o conteúdo esporte. A cultura esportiva, na sociedade brasileira, está muito presente no cotidiano dos indivíduos, e notavelmente, dentro do ambiente escolar. Com isso, escolhemos e elaboramos esta pesquisa procurando analisar as abordagens que podem ser utilizadas para trazer este conteúdo de forma que o ensino seja alinhado com a legislação vigente e traga sentido para a realidade dos estudantes.

O esporte na EF escolar sempre foi uma temática bastante recorrente enquanto conteúdo das aulas. Mesmo com documentos oficiais como a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), colocando como possibilidade diversas práticas pedagógicas (BRASIL, 2018), o esporte é ainda o mais relacionado à EF (GIUSTI *et al.*, 2017). Essa influência sob as aulas surgiu de fatores históricos que condicionaram culturalmente a indústria esportiva, ou seja, o processo de esportivização, que se adentra o espaço escolar como componente curricular, com promessas de superação de limites, adaptar o(a) alunado(da) a seguir regras, deixando seus corpos docilizados, obedientes, e reconstruídos com o argumento de aquisição de saúde e a construção de uma “raça” potente e forte como informou Foucault na obra *Vigiar e Punir* (2014).

O processo de esportivização adentra os muros da escola incorporada ao conteúdo esporte, enquanto conteúdo da EF, fortalecido pela “indústria esportiva”, que surge na sociedade como “fato social total”¹ que propagou, no interior da EF escolar, uma cultura de esportivização, colocando-a como base para formação de novos atletas e descoberta de talentos para o esporte de alto rendimento (VAGO, 1996).

Essa reprodução de uma cultura esportivizada dentro do ambiente escolar, implica na deslegitimação da EF e retira deste componente curricular sua autonomia pedagógica e identidade, subvertendo o espaço que deveria ser para a

¹ O fato social total é o instrumento social e cultural que induz a maneira de agir, pensar e sentir na vida dos indivíduos sem que eles/elas deem conta da coerção macrossocial e se instala como incorporação autoimposta derivada, no caso desta pesquisa do fenômeno esportivo (Marcel Mousse apud Setton, 2009).

transformação social; transmissão da produção do conhecimento específico da EF e do saber científico (ILHA, 2015).

A EF escolar, desde a década de 70, atua a partir do seu reconhecimento didático-pedagógico de forma a reproduzir o esporte tal qual as grandes mídias o enaltecem. Contudo, a EF como componente curricular deveria construir sua identidade a partir da cultura corporal de movimento (Bracht, et al., 1992). Compreender a autonomia da EF escolar em relação a sua prática pedagógica, foi o que permitiu o questionamento do que ela vinha sendo, e do que precisava vir a ser. Isso mobilizou os intelectuais da área para o questionar o papel do esporte como carro-chefe dos objetivos educativos, fazendo surgir o movimento renovador na década de 80 (Carlan *et al.*, 2012).

Após estes movimentos, hoje nos é permitido refletir sobre o ensino dos esportes nas aulas de EF no ambiente escolar para permitir que ela não mais reproduza uma cultura de esportivização, mas sim integre a formação dos estudantes para que possa-se formá-los enquanto indivíduos conscientes sobre as práticas que lhes são propostas, mas também enquanto cidadãos autônomos, sobretudo, desenvolvendo o pensamento crítico para a emancipação acerca da sociedade e suas estruturas sociais no que se refere às desigualdades impostas às classes sociais menos favorecidas (COSTA *et al.*, 2019).

Com isto, nos é permitido refletir e pesquisar a partir das intervenções pedagógicas que pautam os esportes à luz de novas abordagens didático-metodológicas para as aulas de EF escolar. Nesta perspectiva, surgem os modelos de ensino híbrido do esporte, que possibilitam ao(a) professor(a) pautar suas aulas não sob um olhar esportivizado e elitista do seu conteúdo, mas sim aproximar os discentes da realidade que envolve o esporte, da contradição aos méritos deste conteúdo, possibilitando o entendimento de saber o para quê, quando, onde, como e qual o significado cultural os esportes possuem e influenciam as pessoas na sociedade. Tudo isso, por meio de aulas que os(as) estimulem a pensar no jogo e nas dinâmicas propostas pelo(a) professor(a) de forma crítica e racional, mesmo que adaptando, alterando e modificando as regras do jogo para possibilitar, além da adesão, o sentimento de que é possível jogar as modalidades esportivas que muitas vezes parecem complexas (CUNHA *et al.*, 2024).

O ensino através destes modelos altera o foco da aprendizagem do esporte na escola passando a ser da escola, passando da mera repetição do movimento pensado na performance e rendimento para a compreensão dos elementos e problemas táticos do jogo, e posteriormente, o desenvolvimento dos gestos técnicos. O jogo deixa de ser visto como um tempo/espço de aplicação de técnicas e passa a ser percebido como um tempo/espço de resolução de problemas. Portanto, o surgimento destes modelos, além de garantir legitimidade ao ensino, oportunizando ao discente a construção da sua aprendizagem de forma ativa, possibilita a ocorrência de experiências que proporcionam o incremento de competências na prática do jogo e da motivação pela prática desportiva nas aulas de EF (SARRUGE *et al.*, 2020).

Para tanto, este trabalho de monografia parte da seguinte pergunta: “Como o esporte pode ser ensinado longe dos objetivos veiculados pelas grandes mídias que tomam a performance, a aptidão física e a sobrepujança? É possível retirar do ensino dos esportes a lógica da esportivização? Por fim, existe a possibilidade de formar discentes na escola utilizando o esporte que inclua, potencialize e forme para a autonomia? É possível que este ensino traga sentido aos discentes?”

Nesta pesquisa apresentamos o ensino dos esportes através dos modelos híbridos, as suas possibilidades, bem como suas barreiras por meio do levantamento bibliográfico, principal estratégia metodológica desta pesquisa. No decorrer do trabalho traremos os aprofundamentos que este tema nos possibilita. No primeiro tópico, traremos a EF enquanto componente curricular da escola, sua história, legitimação, as influências que esta sofreu e a identidade que ainda está em construção. No segundo tópico, discutimos o esporte enquanto conteúdo das aulas, a forma como este vem sendo tratado no ambiente escolar, sua dicotomia e as dificuldades que os(as) professores(as) enfrentam ao tratar este conteúdo nas aulas. No terceiro tópico, analisamos o ensino do esporte através dos modelos híbridos, analisando suas aplicações na realidade escolar juntamente a seus resultados, trazendo críticas às perspectivas dos(as) autores(as) sobre a aplicação destes modelos no espaço escolar. Por fim, apresentaremos nossas considerações finais sobre os dados levantados e os resultados da pesquisa.

Acreditamos que este trabalho poderá contribuir com o debate acerca do ensino dos esportes na EF escolar; e como esta atuação poderá se alinhar às teorias da

pedagogia do esporte, trazendo abordagens pedagógicas que fogem do ensino tradicional e possibilitam uma maior integração dos estudantes para com as práticas esportivas no chão da escola. Tal aposta possibilita dar visibilidade a práticas bem sucedidas ou não, abrangentes ou excludentes, sobretudo para ampliar o olhar sobre um conteúdo que acreditamos que ainda precisa ser tensionado e refletido à luz da produção atualizada deste fenômeno social que é o esporte.

2. Objetivo

Analisar a produção do conhecimento acerca do esporte escolar e as diferentes possibilidades de intervenções pedagógicas nos periódicos de impacto do campo da EF, tomando como recorte temporal 2005 a 2025.

Nesta perspectiva, buscamos identificar toda a produção na intenção de compreender o que tem sido falado sobre o tema neste período, definir os autores que mais aparecem em discussão, apresentar suas teorias e contribuições, e criticar possíveis problemáticas que os(as) autores(as) apontam em seus textos. Ainda, compreender o esporte enquanto conteúdo da escola e sua relação com a EF; apresentar os modelos de ensino híbrido como possibilidade de intervenção pedagógica e apontar as críticas aos autores, visando o incentivo de questionamentos acerca do tema e de como este tem sido tratado.

3. Justificativa

O tema deste trabalho foi escolhido devido a importância de se manter a continuidade do discurso sobre metodologias de ensino da EF escolar. A abordagem que o docente traz para a sua prática pedagógica implica diretamente na formação dos estudantes que serão submetidos a ela e, assim, na contribuição que esta terá em suas vidas dentro e fora da escola.

A problemática que pauta essa pesquisa se baseia no fato, constatado neste trabalho através da literatura base levantada, de que o esporte ainda é o conteúdo predominante das aulas de EF e que este deve ser separado da prática do esporte de alto rendimento e ter sua própria vertente dentro da escola. Por isso, acreditamos ser de interesse da área realizar estudos que identifiquem formas de ensino do esporte que se alinhem com a legislação vigente da EF enquanto componente curricular.

Acreditamos que, ao elaborarmos esta discussão, contribuímos para que o estudo de metodologias de ensino do esporte seja continuado na atualidade e que fomenta, dentro da área, o movimento para a reflexão dos(as) docentes acerca de suas abordagens e metodologias pedagógicas dentro de sala aula/quadra. A fim de que estes(as), possam ter subsídios teóricos para uma educação transformadora do social na realidade dos estudantes.

Com isso, trazemos os modelos de ensino híbrido como possibilidade de abordagem do tema esporte nas aulas de EF podendo ser um aliado para os(as) docentes ao trazerem este conteúdo para suas aulas. De forma a não manter uma cultura de esportivização do ensino do esporte dentro da escola, possibilitando a manutenção da legitimidade dos saberes da EF e seu potencial transformador.

4. Método

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que, de acordo com Arantes (2025), refere-se a um estudo que se realiza diretamente em fontes científicas, sem necessariamente depender de fatos empíricos ou pesquisa de campo para confirmação de dados. A pesquisa bibliográfica volta as suas atenções a documentos de conteúdo científico, como livros, periódicos, enciclopédias, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos. Esta metodologia foi escolhida, pois ainda em correlação com o autor:

da pesquisa bibliográfica, seu objetivo é propiciar o contato do pesquisador com tudo (ou quase tudo) aquilo que foi escrito, dito ou filmado sobre um assunto determinado, não se tratando, contudo, de mera repetição de conhecimentos pretéritos, já que propicia a análise de um mesmo tema sob óticas, abordagens e enfoques distintos. (ARANTES, 2025, p. 4)

Por estas definições, atribuímos este caráter de estudo a nossa pesquisa, a fim de melhor mapear os títulos que aparecem sobre a temática, e poder elaborar nossas contribuições reflexivas para a discussão de forma coesa e objetiva. Esta possibilidade de estudo nos permitiu chegar nos dados aqui levantados e que segmentam todo este trabalho. Com isto, pudemos definir nosso objeto de estudo que são as diferentes possibilidades de ensino do esporte através de modelos de

ensino híbridos não-tradicionais. Dados estes que apresentaremos na continuidade deste capítulo.

A pesquisa iniciou-se com a busca para levantar dados sobre os modelos e formas de ensino do esporte nas aulas de EF escolar em periódicos da área. Foram utilizadas 7 fontes de dados que compreendem revistas acadêmicas renomadas e portais de universidades. Dentre estas estão: (a) Motrivivência - uma das revistas científicas mais tradicionais do Brasil na área de EF, Esporte e Lazer. Fundada em 1988, é atualmente vinculada à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); (b) Motriz - periódico científico brasileiro, focado na divulgação de pesquisas em Ciências da Motricidade Humana e áreas correlatas. É publicada pelo Departamento de EF do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista (Unesp); (c) Pensar a prática - revista científica de referência na área de EF e Ciências do Esporte, editada pela Faculdade de EF e Dança da Universidade Federal de Goiás (UFG); (d) Scielo - (Scientific Electronic Library Online) não é uma revista única, mas sim uma das maiores bibliotecas digitais de livre acesso do mundo, esta organiza e disponibiliza coleções de revistas científicas de diversos países; (e) Movimento - uma das revistas científicas de maior prestígio e impacto na área de EF no Brasil. Editada pela Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul); (f) UEM - publicada pelo Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá (UEM), publica pesquisas originais em diversas áreas da Educação Física, incluindo aspectos biológicos, socioculturais e pedagógicos do movimento humano; (g) RBCE - um dos periódicos mais tradicionais e respeitados na área de Educação Física e Ciências do Esporte no Brasil, sendo o veículo oficial do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE).

A partir destes periódicos, fizemos nosso levantamento de dados com a seleção dos títulos. Posteriormente definimos as categorias as quais os títulos foram subdivididos para elaboração dos capítulos deste trabalho.

4.1 Seleção dos títulos

Foram utilizados os termos buscadores: (a) educação física escolar; (b) esporte; (c) Metodologia de ensino; (d) pedagogia do esporte; (e) métodos de ensino híbrido; (f) metodologia dos esportes coletivos. Foram encontrados 45 títulos que

correspondem ao objetivo de busca deste trabalho. Dentre estes, foram sedimentados 22 títulos que se alinhavam com o objetivo desta pesquisa. Aos quais 5 foram encontrados pela revista “Motrivivência”, 5 pela “SciELO BR”, 7 pela “Movimento”, 2 pela “Pensar a Prática” e apenas 1 nas revistas “RBCE”, “UEM” e “Motriz”. A primeira etapa do levantamento foi feita pelos títulos dos textos. No segundo momento, foram lidos os resumos, é neste momento que começamos a excluir alguns textos da bibliografia que rege este trabalho. Foram excluídos 23 com a pesquisa. Por fim, foi feita a leitura dos textos na íntegra. Foram selecionados artigos acadêmicos dentro de um período de duas décadas até o ano de 2025 (2005 - 2025), a fim de delimitar as produções mais recentes sobre o assunto. No levante, percebemos a prevalência de títulos da última década que trazem mais à discussão as abordagens pedagógicas do esporte, do que em relação com a década passada, a qual prevalecia discussões sobre a identidade da EF e críticas à perspectiva esportivizante no ensino do esporte na escola. Com os dados em mãos, separamos três grandes categorias a fim de construir a base de discussão deste trabalho.

4.2 As categorias encontradas

Após a seleção e leitura atenta dos textos na íntegra, foram definidas três categorias de análise, momento em que acionamos Bardin (2016) que nos levou ao entendimento do que vem a ser uma “análise de conteúdo”, que visa explorar os sentidos e significados de estudos qualitativos, quantitativos, exploratórios, a respeito de um tema, problema e/ou fenômeno, a partir da sistematização rigorosa e estruturada. Com esta técnica de análise, chegamos nas seguintes categorias: (a) Educação Física Escolar e o esporte como conteúdo hegemônico; (b) Esporte da Escola; (c) Modelos de Ensino Híbrido do Esporte. Estas foram eleitas por prevalência nos textos. Desta forma, chegamos à elaboração do quadro abaixo para sistematizar o olhar em cada produção e sua contribuição ao debate acerca do esporte como conteúdo da EF Escolar. Segue o quadro abaixo:

Quadro 1 - Fontes Referenciais

Ordem dos texto	Revista de publicação	Autores/Artigo	Classificação por Categorias		
			(a)	(b)	(c)
1º	Motrivivência	Rizzo, Aranha, Freitas, Daolio e Lopes (2016)	x		
2º	Motrivivência	Sarruge, Ginciene e Impolcetto (2020)		x	x
3º	Motrivivência	Faria, Caregnato e Cavichioli (2019)	x	x	
4º	Motrivivência	Simon, Grunennvaldt, Moreira, Surdi e Tarcísio (2013)			
5º	Motrivivência	Beltrame, Mendes e Prazeres (2017)	x	x	
6º	Motriz	Darido e Junior (2017)	x	x	
7º	Pensar a Prática	Giusti, Galatti e Voser (2017)		x	
8º	Pensar a Prática	Araújo, Rocha e Bossle (2018)	x	x	
9º	Scielo	Cunha, Hafele, Farias, Ramires, Bergmann (2024)		x	x
10º	Scielo	Brasil, Rodrigues e Paes (2022)		x	
11º	Scielo	Faria (2014)	x	x	
12º	Scielo	Dos Santos e Nista-Piccolo (2011)	x	x	
13º	Movimento	Vargas, Morisso, Gonzalez, Sawitzki (2018)		x	x
14º	Movimento	Ilha e Hypolito (2016)	x	x	
15º	Movimento	Costa, Mesquita, Oliveira, Souza, Passos e Vieira (2018)	x	x	
16º	Movimento	Vago (1996)	x	x	
17º	Movimento	Carlan, Kunz e Fensterseifer (2012)	x		x
18º	Movimento	Amato, Oliveira e Leonardi (2022)		x	x
19º	Movimento	Costa, Passos, Souza e Vieira (2017)		x	x

20º	UEM - Portal da EDF	Kaloka, Muliawan, Suzuki e Pode (2025)	X	X	
21º	Scielo	Costa, Nascimento e Vieira (2016)		X	X
22º	RBCE	Marcassa e Buss (2015)	X	X	

Fonte: Elaborado pelo autor, 2026

As referências e citações que encontram-se no decorrer deste trabalho, foram todas retiradas de acordo com sistematização deste quadro, contendo o número do texto e ano de sua publicação, a saber: (Texto 1, 2016).² Na sequência, trataremos da análise da categoria .

5. Educação Física Escolar e o esporte como conteúdo hegemônico

Aqui trataremos da EF no ambiente escolar e sua relação com o esporte. Sua história, inserção no currículo escolar, as perspectivas que são apontadas por autores, sua legitimação e a visão que se tem deste espaço.

Encontramos como prevalência argumentativa a narrativa da EF enquanto formadora do indivíduo, tornando-o consciente de sua prática e a integrando dentro de sua realidade. Vide o Texto 3 (2019), o qual os autores conceituam que a preocupação da EF escolar deve ser a formação integral dos estudantes, intervindo nos aspectos motor, cognitivo, afetivo e social, compreendendo a prática pedagógica que possibilite alcançar esses objetivos. Outro texto que vai na mesma direção argumenta que:

[...] poderíamos afirmar que a Educação Física permite aos alunos compreenderem manifestações como a ginástica, podendo praticá-la em ambientes não-escolares, incorporar elementos da ginástica em seu cotidiano, adaptando-os às suas necessidades e vinculando-os aos sentidos que melhor atendam às suas necessidades (TEXTO 6, 2017).

Os autores afirmam que a EF deve proporcionar aos discentes o contato com a cultura corporal de movimento, possibilitando a estes que se apropriem, transformem, ressignifiquem e incorporem a cultura corporal de movimento de

² As citações seguem as regras da ABNT, porém os autores e textos são mencionados de acordo com a enumeração que o texto recebeu no quadro. A enumeração ocorre pela ordem a qual o texto foi encontrado e selecionado para fazer parte desta pesquisa.

forma autônoma e significativa, ampliando suas experiências corporais nas aulas de EF na escola. Assim, entendemos que a EF deve propiciar aos estudantes o exercício da cidadania, transformando-os em agentes críticos em relação ao acesso às práticas corporais, ao lazer para que se possa conquistar autonomia para a emancipação por meio da aquisição de conhecimento, da reflexão em busca da transformação social, que é a função desta disciplina no âmbito da educação básica, conquanto que esse processo inclua o esporte.

A respeito do esporte como conteúdo das aulas de EF, encontramos concordância entre os autores dos Textos 3 (2019), 6 (2017), 8 (2018) que entendem o esporte como um conteúdo hegemônico nas aulas de EF e que apontam para os processos históricos e culturais que, atualmente, tem influenciado tanto dentro quanto fora da escola e dos espaços propícios para sua prática. Junto a estes citados previamente, o Texto 10 (2022) nos mostra que a influência do esporte no ambiente escolar é tão relevante que em meados da década de 70, a EF passou a ser subordinada deste conteúdo curricular, a ponto de ser confundida com os códigos e símbolos da indústria do esporte e do processo de esportivização, tornando-o a base para aprimoramento técnico e aptidão física visando ao rendimento esportivo.

Contudo, estes mesmos autores também concordam ao colocar que o ensino do esporte da escola precisa ser desenvolvido com um olhar multicultural, numa diversidade de manifestações, para além da lógica do esporte institucionalizado pelas federações e confederações. Os autores afirmam, ainda, que este conteúdo deve ser abordado a partir de suas dimensões procedimental, conceitual e atitudinal.

Entendemos que uma construção didático-pedagógica que seleciona, organiza teorias e métodos para o ensino do esporte deve desconstruir o binômio esporte-educação física, não deve deixar que seja fortalecida a noção de que a EF seja sinônimo de esporte. O esporte é um fenômeno social o qual a EF se apropria, isso é importante, contudo, jamais deixe que o esporte tome a EF como palco de suas intencionalidades performáticas. A identidade da EF escolar deve ser pautada pela ideia de que é uma área de conhecimento responsável por um conjunto de saberes que tomam a cultura corporal de movimento como espaços da formação humana.

5.1 Educação Física, história e legitimação pelo esporte

A escola sempre foi vista e compreendida como um espaço de produção cultural, de intervenção dos meios e conhecimentos externos à instituição, e como um espaço de *transmissão de saber*, tendo seus próprios códigos e símbolos. A EF nem sempre obteve essa legitimação (TEXTO 16, 1996). Observa-se que historicamente sofreu com uma dicotomia de seu papel na escola, ora vista como submissa ao processo de esportivização (TEXTO 16, 1996), ora vista como um dispositivo de enunciação³, e de produção cultural e social (TEXTO 14, 2016).

Enquanto disciplina curricular, a EF sofreu interferência de fenômenos como a militarização, na qual o período pós-regime militar foi engessado e tomado pelo esporte, bem como pela calistenia, ficando a reboque deste fenômeno que cresceu e se popularizou mundo afora. O que se tinha enquanto aulas escolares era a reprodução de gestos técnicos militarizados que reproduziam exercícios físicos militares que remetem a uma sociedade pós-Guerra. E da instituição esporte, que até hoje é relacionada à identidade da EF, e influencia na forma como esta é vista e tratada socialmente (TEXTO 16, 1996). Com isso, podemos destacar que o esporte não pertence à EF, mas o impacto deste como instituição ocorre em função da representação que ele assume socialmente, se transformando num “fato social total”, sobretudo, pelo trabalho na construção do corpo forte e preparado para enfrentar/defender as nações do mundo. Vimos naquele momento o campo da EF se apropriar do fenômeno esportivo, sobretudo, pelo impacto da produção científica que tem nas disciplinas mães (área médica) a relevância científica que era patrocinada pela biologia, pela biomecânica, pela anatomia, pela fisiologia do exercício, pela cinesiologia, dentre outras (BRACHT, 2003). Como a EF precisava se legitimar enquanto ciência, já que entrou para a escola, mas ainda não era tida como científica, se apega ao esporte, pois este toma o corpo e o movimento como principais objetos de estudos naquele momento. Assim,

É importante citar que o desenvolvimento da instituição esportiva não se dá independentemente da Educação Física: condicionam-se mutuamente. A

³ Dispositivo de enunciação aqui, se refere a um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas (TEXTO 14, 2016, p. 174)

esta é colocada a tarefa de fornecer "a base" para o esporte de rendimento. A escola é a base da pirâmide esportiva. É o local onde o talento vai ser descoberto. Esta relação, portanto, não é simétrica (TEXTO 16, 1996, p. 7).

A citação do Texto 16 (1996), nos permite entender a relação entre EF e a instituição esportiva, sobretudo, evidenciando a subordinação da primeira em relação à segunda neste período. É importante destacar a contradição da declaração dos autores citados acima, quando mostram que ambas se condicionam mutuamente, e que uma influencia a outra de forma igual, porém, em seguida, coloca a EF em uma posição de inferioridade à instituição esportiva, indicando que esta relação na verdade não possui igualdade e simetria, e sim ocorre a subordinação por parte da EF, já que ela não poderia ser entendida como sinônimo de esporte a qual vinha sendo relacionada. Assim, claramente identifica-se que a EF é usada pelo esporte numa perspectiva de sobreposição em que o esporte ganha legitimidade e a EF fica a reboque deste fenômeno. Tudo isso, salientam os autores, faz com que a EF seja vista e tratada como mera ferramenta de reprodução da cultura de esportivização, o que a desqualifica, deslegitimando-a em suas funções sociais, políticas, culturais e formativas no espaço escolar (TEXTO 14, 2015).

A realização da EF como prática pedagógica se dá desde o início do século XX, se fortalecendo na década de 1980, juntamente com o movimento renovador. Esse momento, reconhecido tipicamente de denúncia e crítica, denominou-se de Pensamento Pedagógico Renovador da Educação Física (PPREF), e formulou críticas fundamentais aos modelos didático-pedagógicos do treinamento físico-desportivo que foram transferidos para o ensino da EF escolar (TEXTO 17, 2012). Com isso, fechamos as análises mostrando como a EF sofre em sua legitimação e identidade, tornando-o a principal barreira para sua legitimidade enquanto área de conhecimento que toma a multiplicidade das práticas corporais como princípio formativo para a emancipação humana.

5.2 Educação Física Escolar e a legitimação por meio da LDB/1996.

A EF é assegurada como componente curricular obrigatório da Educação Básica desde 1996, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), que foi modificada pela Lei nº 10.328, de dezembro de 2001, o que pressupõe a sua presença na

escola como disciplina escolar. Sua presença obrigatória na escola implicou na contribuição para a formação humana, princípio este corrompido pelo processo avassalador que o esporte implementou, enquanto carro chefe da EF na escola.

Atualmente e, juntamente a isso, a EF foi compreendida pela Base Nacional Curricular (BNCC) como sendo componente da área de linguagens, na qual esta entende que

As atividades humanas realizam-se nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens: verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital. Por meio dessas práticas, as pessoas interagem consigo mesmas e com os outros, constituindo-se como sujeitos sociais. Nessas interações, estão imbricados conhecimentos, atitudes e valores culturais, morais e éticos (BRASIL, 2018, p. 63).

A inclusão da EF dentro na área de linguagens reforça a ideia de que esta, enquanto componente curricular, é atravessada por outros saberes empíricos, teóricos e sensoriais que servem como ponto de defesa de uma EF legítima e necessária à formação dos discentes na educação básica.

De acordo com a BNCC, as práticas corporais são textos que materializam-se no corpo e para o corpo; sabendo que o corpo aprende e se desprende de velhas aprendizagens. Essas práticas se inscrevem e marcam o corpo por meio do sentir, agir e pensar, assim, são textos que se materializam na educação dos corpos dos alunos e alunas da educação básica. Mesmo apontando a importância de uma educação para o corpo, é preciso problematizar, desnaturalizar e evidenciar a multiplicidade de sentidos e significados que os grupos sociais conferem às diferentes manifestações da cultura corporal de movimento por meio da atuação da EF na educação básica.

A contribuição deveria ser para assegurar a formação humana no processo de escolarização de crianças e jovens (TEXTO 22, 2015). Para os autores do Texto 17 (2012)

a escola se configura como um dos espaços de organização social onde as práticas acontecem, cabendo ao profissional da Educação Física proporcionar, pela tematização do seu conteúdo específico, uma

compreensão crítica das práticas, potencializar os sujeitos a estabelecer vínculos com o contexto sociocultural em que estão inseridos.

O Texto 22 é orientado por uma pesquisa exploratória, em que buscam os sentidos atribuídos à EF na educação básica. Os autores afirmam que, por mais legitimada legalmente e reconhecida como componente do currículo escolar, é possível identificar que a EF ainda é limitada e subestimada quanto aos seus (re)conhecimentos e a forma como os docentes e agentes escolares a identificam. Segue uma passagem em que uma diretora de uma escola afirma sobre a identidade da EF:

[...] que, na visão da diretora, não há diferença entre os componentes curriculares, no entanto, o comportamento e a responsabilidade dos professores em relação ao seu trabalho pedagógico interferem diretamente no desenvolvimento e sucesso das aulas. Isto indica que o lugar ocupado pela EF no processo de escolarização não é definido como campo do saber, na medida em que ela não precisa prestar contas do que faz, como se sua contribuição para a formação humana fosse espontânea, inquestionável ou desprovida de intencionalidade (TEXTO 22, 2015, p. 392)

Nota-se que a presente citação aponta para uma deslegitimação da EF na escola, mesmo com a legislação vigente informando que a EF é um componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos (BRASIL, 2018). A visão da comunidade escolar coloca a equivocada interpretação sobre o que de fato entende-se por EF, enquanto uma disciplina escolar que toma a cultura corporal de movimento como a principal área de intervenção pedagógica, e que a mesma está na área da linguagens, o que determina importância na formação dos discentes já que a linguagem não é só verbal, mas também corporal, necessitando que não seja entendido como algo vago sem objetividade formativa e pedagógica. A partir disso, pode-se afirmar que diferente do que pensa a diretora, a EF escolar contribui para a formação humana e esta, enquanto componente curricular, possui intencionalidade e é passível de questionamento.

O Texto 22 aponta para as intencionalidade destinadas aos espaços, métodos, seleção de conteúdos, etc., de uma EF criticada nas décadas de 1980/1990 e que ainda encontramos estes resquícios em 2015:

[...] os tempos e espaços destinados à ela, os conteúdos selecionados e os métodos de ensino, normalmente, se restringem à reprodução de certos aspectos do esporte e, sobretudo, ao “jogar” em quadra, ambos realizados de forma reducionista ou exclusivamente procedimental (TEXTO 22, 2015, p. 396).

Essa concepção implica em uma EF que reforça o modelo de *aptidão física* por meio de uma versão minimalista do esporte e da saúde (TEXTO 22, 2015). O que limita a EF a meramente estar condicionada ao jogar em quadra, ao momento de descontração das outras disciplinas “mais sérias” e torna-a um mero momento de lazer no meio de todo o caos da escola. Uma vez que a EF está condicionada aos gestos técnico-instrumentalistas, esta se torna difícil de atingir os objetivos de transformação dos saberes e conhecimentos, com possibilidades de uma formação que reflita no cotidiano uma mudança de atitude e comportamento social.

O Texto 12 (2011) nos permite perceber que, no decorrer dos anos, a sociedade construiu uma visão sobre a EF que entende que o espaço e o tempo escolar estejam vinculados ao fenômeno esportivo, ou seja, o esporte é o conteúdo central tratado nas aulas pelos(as) professores(as), é a prática corporal citada e valorizada pelos estudantes, é a referência para as atividades extracurriculares da EF. O esporte vem sendo colocado como conteúdo norteador da EF escolar, mesmo tendo dentro da cultura corporal de movimento, outras práticas corporais que podem e devem ser trabalhadas dentro de sala e no espaço escolar. Ainda que o esporte se situe no âmbito da cultura corporal de movimento e seja parte da EF, deve-se destacar a importância de entender a EF como uma ferramenta transformadora e formadora de senso crítico sobre as práticas que são executadas a partir da atuação do(a) professor(a) de EF. Assim,

A intenção não é ensinar a praticar determinadas modalidades e conhecer apenas suas formas, suas aplicações e organizações, mas o papel é fazer com que adquiram autonomia para a prática dessas modalidades com um senso de reflexão crítica sobre como, quando, onde e para que elas se manifestam nas mais variadas situações, nesse caso, no cenário escolar (TEXTO 12, 2011, p. 1).

Poderíamos sugerir dois questionamentos sobre o ensino dos esportes a partir do que vimos até aqui: a) Como o esporte, enquanto conteúdo da EF escolar, poderia atender aos preceitos da formação humana e autonomia, tomando como

ponto de partida a exclusão que o mesmo tem acirrado nas escolas do Brasil? b) Como o esporte poderia desenvolver a reflexão crítica sobre as diferentes formas de praticá-lo, incluindo esporte de inclusão e educação?

O ensino do esporte na escola tem causado a velha dicotomia: o esporte da escola e o esporte na escola, o que dificulta o trabalho do(a) professor(a) e limita sua prática. A identidade que o(a) professor(a) de EF assume no ambiente escolar implica em como esta será vista e o quanto de espaço será cedido para que suas práticas e seu planejamento seja aplicado de forma efetiva e satisfatória (TEXTO 22 2015).

O papel que o(a) professor(a) de EF atribui a si mesmo implica em como a sua prática será viesada dentro da quadra e dentro do ambiente escolar. A escola por si já não coloca a EF como um componente curricular “importante”, ou com teor de conhecimento empírico suficiente para se sustentar como uma área do saber. Vimos isso no texto 22. O(A) professor(a) de EF deve buscar novos parâmetros e perspectivas para a sua atuação, para contribuir com o aspecto educacional dos estudantes, esta afirmação se encontra no texto 12 (2011).

Mais a fundo nesta perspectiva, no Texto 17 (2012), os autores, ao mencionarem Bracht (2003) sobre o ensino-aprendizagem do esporte nas aulas de EF, afirmam que não deve haver um sistema hegemônico, tranquilo e pacífico. Os autores apontam para o pouco comprometimento dos docentes ao não buscar nas teorias pedagógicas que pautam os conteúdos da EF escolar. O pouco comprometimento causa um descompasso entre o que a EF vem sendo e o que deveria ser. A produção acadêmica deveria estar atenta com esse descompasso e as universidades deveriam preocupar-se com este processo de abandono docente⁴.

Diante do quadro, a pergunta a ser feita é: como os estudantes veem as aulas? É importante salientar que a presença dos estudantes e sua participação nas aulas é o que torna a prática da EF, o planejamento pedagógico do(a) e a cultura corporal de movimento viva e presente no ambiente escolar. Assim, o texto 22 aponta para a participação dos alunos e alunas nas aulas:

⁴ Valter Bracht vem há tempo apontando para este descompasso.

É evidente que para aprender, uma condição de possibilidade é que o aluno esteja presente e, de alguma forma, tome parte efetivamente da aula. Não participando da aula, estes alunos assumem um não-lugar de espectador. No extremo, passam eles mesmos à auto-exclusão, incorporando o não saber jogar ou ser incapaz de aprender a jogar. [...] (Citação a Pinto e Vaz (2009) no TEXTO 22, 2015, p. 388).

Com isso, podemos entender que a legitimação da EF por lei está sedimentada e é reconhecida nos documentos oficiais. Porém, a sua prática no ambiente escolar se mostra em desvalorização daquilo que ela pode oferecer enquanto componente curricular da escola. A ação do(a) professor(a), sua identidade, seu planejamento e suas metodologias são intrínsecas para que os estudantes se sintam integrados ao que a EF pode lhes possibilitar. Para que, assim, os estudantes se sintam atraídos para as aulas, possam se integrar aos saberes apresentados e permitam que a EF materialize a sua função de formadora do indivíduo, pensando em sua autonomia e emancipação.

Contrariando o que se deve ser feito no ensino dos esportes, o mesmo como temática das aulas de EF é um assunto bastante atrativo para os estudantes, pois este é um fenômeno cultural ainda muito presente na vida dos alunos e alunas, aqui o foco vai para o futebol, já que esta modalidade é a mais utilizada e valorizada no Brasil. Por isso, sua presença no ambiente escolar nas aulas torna-o democrático e super-valorizado pelos escolares. Abaixo iniciamos as análises da categoria Esporte da escola.

6. O Esporte da Escola

Neste capítulo trataremos do esporte da escola. O esporte na concepção educacional. Tratá-lo como uma das manifestações da cultura corporal de movimento, as implicações de transformá-lo para o espaço escolar; as contradições e as dificuldades que os(as) professores(as) encontram para trazer este conteúdo fora dos moldes do esporte globalizado e performático é o tom das análises que seguem. Assim, segue em destaque a importância deste conteúdo nas aulas escolares:

O esporte como conteúdo nas aulas de Educação Física ainda ocupa espaço importante e quase hegemônico na escola (FORTES et al., 2012), fazendo com que muitas vezes se confunda com a própria Educação Física (BETTI, 1999; DARIDO, 2008), (TEXTO 17, 2017, p. 433)

Na literatura da área escolar é possível refletir sobre o descompasso entre o esporte *performance* e o esporte educação. Na obra Coletivo de Autores (1992), os autores afirmam que a EF compreende toda a cultura corporal de movimento, contudo, ainda é o esporte, o dispositivo norteador das práticas pedagógicas da EF no ambiente escolar. Mesmo com todas as críticas ao modelo esportivizante das aulas, ainda a comunidade escolar entende que o esporte é a prática central da EF, e por isso, sempre voltam para ele quando se trata de praticar na EF (TEXTO 22, 2015).

A discussão que tematiza o esporte dentro e fora da escola foi amplamente debatida a partir do argumento do “esporte da escola” e o “esporte na escola” (TEXTO 16, 1996). O argumento que implica no “esporte na escola”, leva ao entendimento de em uma EF como “base da pirâmide esportiva”, servindo à esportivização como veículo para novos atletas a partir do desenvolvimento primário de técnicas e performances. Já o “esporte da escola” se justifica no ambiente escolar a partir da ideia de sua transformação e adequação aos princípios educativos, formativos para a emancipação humana (TEXTO 14, 2016).

Transformá-lo significa atualizá-lo, transmutá-lo, adequá-lo aos diferentes corpos e subjetividades inerentes à multiplicidade de alunos e alunas que ocupam os bancos escolares. Isso implica na mudança da forma de jogar e transformar suas regras, caso seja preciso para a sua adaptação na escola, legitimando sua presença a partir do norte que o atravessa; rompendo com a ideia de educação para esportivização, em que ganhar está acima do processo da educação para a formação humana (TEXTO 7, 2017).

Uma vez que ambas as apropriações podem existir dentro da sociedade sem interferir nos saberes e metodologias uma da outra, é necessário reconhecer que a escola tem sua própria identidade e cultura de movimento para pautar suas práticas, mesmo que utilizando das táticas, técnicas e fundamentos das práticas esportivas, como no caso dos Jogos Esportivos Coletivos (JECS), isso implica na seleção de conteúdos a serem abordados durante as aulas (TEXTO 16, 1996). O que vale é a objetividade que se emprega na escolha e elaboração dos conteúdos.

O texto 8 (2018) aponta para o tratamento e olhar que os(as) professores(as) de EF devem ter ao pautar o conteúdo a ser abordado nas aulas, pois, mesmo

realizando um planejamento compartilhado, na qual os estudantes contribuem na seleção dos conteúdos a serem abordados nas aulas, o esporte seria o primeiro - se não único, a ser colocado como possibilidade pelos estudantes, uma vez que

[...] os estudantes representam a determinação do processo de seleção dos conteúdos e, apesar de os professores discursarem sobre combinações e planejamento coletivo, de certo modo, os documentos apontam um caminho e a prática aponta outro. Ou seja, mesmo planejando coletivamente, e determinando os temas a serem abordados nas aulas, os professores cedem ao gosto dos estudantes e acabam reproduzindo uma monocultura esportiva [...] (TEXTO 8, 2018, p.82).

O que a citação do Texto 8 (2018) nos permite entender é que o esporte é o conteúdo que será selecionado em primeiro lugar até mesmo pelos próprios estudantes. O que por si só coopera para a perpetuação de uma cultura, dentro do ambiente escolar, que monopoliza o planejamento do(a) professor(a) de EF e centraliza o esporte como prática pedagógica. Mas as autoras do Texto 7 (2017) nos coloca que, mesmo o esporte sendo priorizado, deve existir a separação do tipo de prática esportiva que se realizará nas aulas de EF pelo(a) professor(a), pois este, mesmo cedendo às vontades dos estudantes, precisa ser entendido como mediador pedagógico e pautar sua prática de forma que reflita os símbolos e códigos pedagógicos da escola e da EF escolar.

O Texto 17 (2012), nos traz que muitos(as) professores(as) encontram dificuldades em pautar suas práticas pedagógicas de forma que supere essa visão esportivizada da EF escolar. Mas que, desde a sua época, já havia métodos de se ensinar o esporte que fugisse do ensino esportivizado. Pois é possível perceber que

os professores de Educação Física encontram dificuldades em modificar suas práticas pedagógicas no ensino do conteúdo Esportes, na perspectiva de superar o paradigma da racionalidade instrumental, ou seja, há um distanciamento entre as proposições críticas e a intervenção nas aulas de Educação Física. Kunz (2001) reconhece, porém, que existem iniciativas teóricas, práticas e interventoras que conseguem traduzir exemplarmente as novas propostas do pensamento pedagógico em Educação Física de forma a revolucionar sua prática (CARLAN *et al.*, 2012, p. 58).

Por isso, torna-se importante ao professor(a) de EF estar alinhado a metodologia de ensino desta temática (esporte) para que sua prática pedagógica não reproduza uma cultura que torne a alta performance, a técnica e a aptidão física

o foco de suas aulas. Mesmo que o esporte seja um dos conteúdos mais utilizados na escola, não incorre em um grande problema. Esse tipo de pressão deve ser cuidadosamente resolvido em sala de aula. A questão é: Como o esporte pode ser ensinado de forma que se diferencie da indústria da esportivização, tendo a performance, a aptidão física e o preparo esportivo inerente aos objetivos pedagógicos, e possa dar espaço para uma pedagogia esportiva que tomem os aspectos didáticos inclusivos? É preciso entender o papel da EF na escola e alinhá-la à legislação vigente que a coloca enquanto ferramenta transformadora da sociedade, e que essa atuação possa fazer sentido aos alunos e alunas.

Foi buscando responder esta pergunta que chegamos ao ponto central deste trabalho: será o ensino do esportes pautados pelos modelos de ensino híbrido podem ser ferramentas que facilitam o trabalho pedagógico dos professores e professoras de EF na escola? Esta resposta se afirma no Texto 13 (2018), uma vez que a EF necessitava de uma reforma nas suas abordagens que o diferenciasse da cultura de esportivização (TEXTO 13, 2018). Assim, surgem-se autores (SIEDENTOP, 1994; GRAÇA; MESQUITA, 2007; CALDERÓN LUQUIN; HASTIE; OJEDA PÉREZ, 2011; CALDERÓN et al., 2013; GINCIENE; MATTHIESEN, 2017) que trouxeram formas de ensinar o esporte que “[...] democratizam e humanizam o desporto, de forma a evitar os problemas associados a uma cultura desportiva enviesada, tais como o elitismo, a iniquidade e a trapaça” (TEXTO 13, 2018).

Apresentaremos alguns destes modelos de ensino, e iremos relacioná-los com o método de ensino tradicional. Colocando suas nuances, resultados e críticas a esta possibilidade de intervenção pedagógica, utilizando a temática esporte como eixo central.

7. Modelos de Ensino Híbrido do Esporte

Neste capítulo aprofundaremos o discurso central deste trabalho apresentando os modelos de ensino híbrido do esporte encontrados nos textos. Dentro das metodologias híbridas apresentaremos as possibilidades, as limitações e resultados de aplicações prévias. Destrinharemos aqui as críticas a estes modelos baseadas nos textos levantados na pesquisa, comparamos-os ao Modelo de Ensino

Tradicional a fim de compreender os avanços e retrocessos que esses modelos apresentam.

O Ensino Híbrido chega na EF em meados da década de 70 e 80 com as reformas de ensino que vinham acontecendo. Estes criaram base por serem apresentados como metodologias que reformulariam ensino do esporte no ambiente escolar e possibilitariam uma pedagogia de ensino pautada não no esporte de alto rendimento e na cultura reprodutora de gestos motores, mas sim no desenvolvimento motor, social e atitudinal dos estudantes. (TEXTO 13, 2018).

O ensino do esporte baseado em modelos pressupõe uma estrutura lógico-pedagógica que alinha teorias da educação, objetivos, métodos, ambientes de aprendizagem, meios de avaliação e as relações sociais (estudantes-estudantes e professores-estudantes) durante o processo de ensino. (CUNHA *et al.*, 2024, p. 1)

De acordo com a revisão sistemática feita no Texto 9 (2024) que tinham como objetivo identificar e sumarizar estudos que analisaram os efeitos de intervenções que utilizaram modelos de ensino do esporte (MEE) em aulas de EF, os que mais demonstram serem utilizados por professores(as) de EF e apresentam sucesso em suas aulas foram *Sport Education Model* (SEM - 41,7%), *Teaching Games for Understanding* (TGFU - 33,3%) e *Tactical Games* (TG - 4,2%). Utilizaremos estes então como eixos centrais da discussão e relacionaremos com os textos de outros autores encontrados em nossa busca e que trazem estes mecanismos como possibilidade de trabalhar o esporte na EF.

Em contrapartida ao Modelo de Ensino Tradicional (MET), na qual o ensino é através de um sistema analítico sintético e que visa ensino da técnica e tática esportiva individual em ambientes de aprendizagem descontextualizadas do jogo, o modelos de ensino híbrido oferecem tarefas de aprendizagens que considerem a natureza caótica e imprevisível dos jogos esportivos coletivos (TEXTO 9, 2024).

Os MEE são modelos que apresentam contribuições importantes para o ensino do esporte nas aulas de Educação Física. Entretanto, suas características precisam fazer parte de um planejamento organizado que busca desconstruir a imagem do esporte elitizado, situação ainda considerada difícil para os(as) professores(as) (TEXTO 13, 2018). Algumas variáveis comuns entre os MEE são a performance no jogo, o envolvimento no jogo, a tomada de decisão, o

conhecimento e habilidades motoras. Estes são fatores que compõem o estudo em MEE, e são estes analisados quando se fala de resultado na aplicação dos MEE (TEXTO 9., 2024). Assim, é possível dizer que

A análise das variáveis do domínio cognitivo permite verificar como as diferentes formas de sistematização do ensino do esporte são compreendidas e aplicadas pelos praticantes. A tomada de decisão, a performance e o envolvimento no jogo, e o conhecimento geral e tático são as variáveis comumente analisadas nas intervenções apoiadas nos MEE. Essas variáveis objetivam verificar e representar o desenvolvimento dos processos cognitivos envolvidos na aprendizagem do esporte, sejam eles percepção, atenção, antecipação, memória, pensamento, inteligência e tomada de decisão, e suas interrelações. (TEXTO 9., 2024, p. 2)

A performance do jogo apresentado aqui não se configura pela perspectiva do esporte de alto rendimento, mas sim sob a perspectiva do desenvolvimento do aluno na prática. Uma vez que, mesmo que os métodos de ensino não-tradicionais fogem da lógica da esportivização, que procura reproduzir um sistema de ensino elitizado, individualista, focado no esporte de rendimento, ainda é esperado dos estudantes através da prática desses modelos, sua integralização para com a prática através da transformação de sentidos que estes produzirão durante as aulas. Pois, enquanto componente escolar, a EF possui suas responsabilidades com a formação social dos estudantes e atribuição de sentido a sua prática dentro do ambiente escolar.

A escola é o lugar do ensino formal, que tem a função social/cultural e a responsabilidade educativa de contextualizar, problematizar e sistematizar os conhecimentos, ou seja, é nela, enquanto espaço educativo, que o conhecimento produzido pelo homem é pedagogizado e tratado metodologicamente para que o aluno venha a apreendê-lo (TEXTO 17, 2012, p. 58).

Adentrando o discurso crítico em relação aos modelos, os autores do Texto 9 (2024), nos permite perceber que o fator tempo nas aulas, não é estritamente definidor de resultados negativos ou positivos, uma vez que, de acordo com sua pesquisa, mesmo em períodos curtos de aulas (12 aulas), os estudantes demonstraram desenvolvimento positivo quanto a seu envolvimento com o jogo e, logo, seu desenvolvimento. Ainda, o autor complementa que em comparação com o MET, os modelos de ensino híbridos se demonstraram superiores no quesito desenvolvimento de integralização com a prática por parte dos estudantes. O que de certa forma era esperado destes modelos, visto que eles possuem um caráter

mediador das práticas que envolve mais os estudantes e os permite se centralizar como condutor da prática e de seu desenvolvimento através de atividades adaptadas, e com isso, melhores alcançáveis para os diversos níveis (TEXTO 17, 2012, p. 58).

As pesquisas apontam que o envolvimento dos estudantes, pautado pelos autores, se demonstra promissor ao ser colocado dentro dos modelos de ensino híbrido ao longo do tempo de intervenção. O que, de acordo com os autores, mesmo não tendo muitas pesquisas de campo com a aplicação dos modelos de ensino,

As três categorias de modelos identificaram melhoras significativas ao longo do tempo de intervenção [...] Essa pode ser considerada uma variável importante para o desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes. Para além da participação no jogo, a variável aponta para um nível de engajamento na tarefa, refletindo a motivação e autoconfiança dos escolares (TEXTO 9, 2024, p. 2).

Mesmo com o apontamento do Texto 9 (2024), já nos é permitido espaço para questionamentos como: A que nível de integração os estudantes seriam submetidos às práticas? Como seria possível concretizar a prática através de um ensino por modelo híbrido, como ferramenta transformadora do social destes estudantes baseado na realidade a qual estes estão inseridos a partir do ensino do esporte por meio dos pequenos e grandes jogos?

Percebemos que o fator tempo, mais especificamente o período de aulas disposto para a intervenção através dos modelos, pode ser um fator que potencializa a eficácia da mediação por modelos. Visto que, ao longo das aulas, as intervenções foram demonstrando melhoras significativas.

Mas ao trazermos esse ponto para a realidade brasileira da maioria das escolas públicas, poderia haver alguns questionamentos: a) o tempo das aulas de EF, tanto diária, quanto semanais são suficientes para a realização de forma satisfatória da prática? b) O que interfere diretamente na adesão do ensino através de modelos híbridos, uma vez que estes precisam ser desenvolvidos de forma clara, abrangente e planejada? c) Os espaços e materiais das escolas públicas são suficientes para as metodologias híbridas? d) Em casos de haver estudantes com deficiência, o fator tempo poderia se tornar um tanto mais limitado por precisar de

maior adaptação às práticas e maior atenção em sua aplicação? O trabalho apresentado no Texto 9 (2024), mostra resultados das aplicações dos modelos nas aulas de EF, mas deixam lacunas a serem questionadas quanto a adequação das aulas aos modelos de ensino híbrido.

Em relação à tomada de decisão, as pesquisas mostram que a variável mais estudada dentro das pesquisas de ensino do esporte por modelos de ensino híbridos (Texto 9, 2024), dentro do fator tempo se mostrou bastante promissora seja em temporadas de aulas curtas (12 aulas) ou mais longas (20 aulas). O autor ainda coloca que em comparação com o MET, a tomada de decisão através dos modelos de ensino não se colocou muito superior, o que mostra que a eficiência dos modelos pode ser variável de acordo com sua aplicabilidade.

O TGFU, por exemplo, neste caso, apresentou melhor aderência a períodos de aulas curtas em estudantes com menos habilidades motoras. O que, de certa forma, reforça a legitimidade do modelo de ensino, uma vez que dentro do ambiente escolar encontram-se estudantes com diferentes níveis de habilidades e, sendo então, os modelos de ensino uma forma de inserir esses estudantes e fazê-los criarem gosto pela prática.

O resultado é importante, pois justifica a implementação dos modelos pedagógicos no contexto das aulas de EF, onde muitos estudantes ainda não apresentam grande experiência esportiva. Contudo, o efeito do TGFU pode ser ainda melhor quando associado a técnica de questionamentos. Os resultados acompanham a literatura que reconhece o papel do ensino contextualizado, centrado na solução de situações-problema e com tarefas de aprendizagem que promovam a integração tática-técnica para o melhor desenvolvimento da tomada de decisão (TEXTO 9., 2024, p. 15).

No que diz respeito ao conhecimento absorvido pelos estudantes nas aulas proposta por modelos, podemos perceber que alguns modelos, mesmo que sendo uma tentativa de contraposição ao MET, ainda conseguem ser observados com resquícios da abordagem tecnicista. Os autores relatam que as variáveis que analisam o conhecimento dos estudantes, podem ser definidas de duas formas: (a) conhecimento geral do esporte - análise mais ampla da modalidade; e (b) conhecimento tático - analisa de forma mais aprofundada o comportamento tático em situações de jogo. O Texto 9 (2024) nos revela que modelos como o *sport education* apresentam resultados positivos e satisfatórios, mas que não sobressaem o MET, e indica que o motivo disso seria a forma de avaliação que foi proposta

pelos(as) professores(as) analisados em suas pesquisas. O que implica não apenas a necessidade de mudar a forma como o Esporte é aplicado nas aulas em relação a metodologias, mas também a avaliação das aulas.

Ao analisar o TGFU e o TG, os autores revelam que as intervenções focaram mais no âmbito tático, do que em conhecimentos gerais no esporte como o SE. Assim,

Ao considerar os estudos realizados com o TGFU/TG, os resultados apontam para efeitos positivos do modelo sobre o conhecimento tático dos escolares ao longo do tempo, seja em intervenções implementadas no ensino fundamental ou médio. Já Gray e Sproule, encontraram resultados superiores do TGFU/TG na percepção de conhecimento tático quando comparados ao modelo tradicional (TEXTO 9, 2024 p. 15).

O TGFU e o TG, apresentaram divergência em seus resultados e aplicações na prática. De acordo com os autores, alguns estudos apontam que esses modelos apresentaram efeitos positivos nas habilidades motoras dos estudantes ao longo do tempo, sendo eles apenas nos estudantes com pouca experiência na modalidade. Mas, que por outro lado, mesmo apontando tendência de resultados positivos, estatisticamente ainda não apresentou resultados superiores ao MET. Um ponto que os autores utilizam para explicar essa divergência é o fator tempo das aulas, nas quais em aulas de períodos mais curtos não foi possível observar grandes evoluções nos estudantes dentro da variável de habilidades motoras. Mas, com isso, tendo em mente os questionamentos acerca da EF na realidade brasileira, não seria o fator tempo um impeditivo para realizar com êxito qualquer prática da cultura corporal de movimento? Neste quesito os autores parecem se equivocar ao trazer apenas o fator tempo como explicação para a não obtenção de melhores resultados. Uma vez que documentos oficiais como a BNCC (2018) direcionam uma pluralidade de práticas corporais como possibilidade a serem trabalhadas nas aulas, o fator tempo, independente do modelo de ensino, será um causador de divergências. Os autores completam que

O fato das intervenções serem mais curtas no TGFU/TG pode ter contribuído para ausência de diferença estatística tanto no fator tempo quanto no fator grupo. Diferente das variáveis do domínio cognitivo, é possível que o desenvolvimento das habilidades motoras por meio dos modelos de ensino para a compreensão dos jogos necessite de um número maior de aulas para que os seus efeitos apresentem diferenças estatísticas significativas. (TEXTO 9, 2024, p. 16).

Com isso, podemos perceber pela descrição dos autores que os modelos de ensino híbridos podem ser uma alternativa à cultura de esportivização, e que estes trazem resultados positivos tanto quanto o MET, ou até superiores. Os estudos dessa temática ainda devem ser aprofundados e ter outros fatores a serem levados em consideração como gênero, nível de habilidade, conteúdo da unidade, como indicada abaixo:

Os modelos híbridos apresentaram efeitos positivos na performance no Jogo, Tomada de Decisão e Execução das Habilidades, especialmente nas meninas. Apesar de incipientes, os estudos realizados com modelos híbridos apontam para uma ampla utilização do SEM como modelo base, sendo normalmente agregado um modelo de compreensão do jogo (TG, TGFU, ou IGCM), (TEXTO 9, 2024, p.19).

Os resultados que se obtém atualmente, já indicam que os modelos de ensino híbrido podem sim ser parte da identidade da EF escolar e cooperar para tornar a EF escolar um dispositivo de ensino-aprendizagem único, legítimo e separado de uma cultura de centralização de conteúdo pautado em sua identidade histórica (TEXTO 7., 2017). Porém deve-se atentar para certos questionamentos que aparecem ao considerarmos o ensino por modelos híbridos.

O que vemos nas pesquisas e aulas experimentais com os modelos, é uma realidade escolar que não se aproxima muito da realidade da maioria das escolas públicas brasileiras. Em um cenário perfeito, na qual o ambiente escolar possui condições suficientes para possibilitar a prática esportiva tendo materiais específicos e diversificados, espaço de quadra em boas condições, tempo de aula suficiente para adequar a aula, é possível que qualquer metodologia pedagógica possa obter êxito em sua execução. Mas se fizermos um recorte social e econômico, olharmos para a realidade escolar pelo viés da necessidade dos fatores citados acima, percebemos que a metodologia do(a) professor(a) se torna um objeto subjetivo mais complexo de se delimitar e aplicar, uma vez que o(a) professor(a) possui mais de um fator limitante a ser pensado dentro de seu planejamento (TEXTO 17, 2012)

O ensino por modelo híbrido se mostra promissor, mas precisa ser aprofundado seus estudos e pesquisas na área, e especificamente dentro da realidade de escolas públicas em seus mais diversos cenários de ensino. Para que de fato possa ser constatado que esses modelos são uma proposta renovadora e revolucionária.

As justificativas dos autores se apresentam de forma limitada e escassa, dando espaço para questionamentos acerca da realidade social a qual estes modelos seriam aplicados nas escolas brasileiras.

A legislação vigente, sendo as PNC's e a BNCC, apontam para uma perspectiva de abordagem de aulas mais pluralizadas que possuem foco na transformação do saber e da atribuição de sentido ao que os estudantes fazem dentro de sala ou quadra. Muitos dos discursos dos(as) autores(as) pautam-se por um viés desenvolvimentista e que, se não aprofundado se torna, de forma leiga, “mais do mesmo”. Uma vez que os modelos estariam apenas reproduzindo uma cultura de esportivização, porém agora com maior possibilidade de adesão dos alunos à prática.

Tirar a reprodução de gesto motor técnico-instrumentalista e trocar por adaptação para o alcance desses gestos, é ainda perpetuar a cultura de esportivização e ligar a EF a sua história de submissão a indústria do esporte. Ora, uma vez que a EF já possui sua legitimidade pautada por lei, não cabe a nós profissionais da área regredimos nesse quesito uma vez que estaríamos ressignificando uma abordagem já existente e elitista que prioriza o esporte de alto rendimento, no lugar de estarmos procurando uma prática emancipatória de sentidos que transforma a realidade social ao qual o estudante está inserido e o influencia a se integrar da prática ao ponto do aluno(a) buscar a prática esportiva fora do ambiente escolar, e ainda conseguir enxergar de forma crítica, as pautas sociais que o esporte coloca a discussão na sociedade atual.

Aos modelos de ensino híbrido ainda se faz necessário maior aprofundamento da teoria e uma maior abrangência de temáticas na abordagem das pesquisas. Pois, nós enquanto professores(as) de EF, podemos sim ensinar o esporte e seus fundamentos técnicos na escola, mas devemos ter consciência de nossa prática pedagógica para não criarmos um espaço elitizado, que exclui e permeia um cultura que já não faz parte da identidade da EF escolar.

8. Considerações finais

O objetivo principal desta pesquisa foi analisar a produção do conhecimento acerca do esporte escolar e as diferentes possibilidades de intervenções

pedagógicas nos periódicos de impacto do campo da EF, tomando como recorte temporal 2005 a 2025.

Assim, ao levantarmos a produção acadêmica com a temática do esporte, identificamos como esse conteúdo influenciou a EF na atualidade. Expomos o esporte como conteúdo hegemônico nas aulas de EF, por este aparecer na literatura como conteúdo norteador das aulas e, por fim, o ensino através de modelos híbridos como uma possibilidade de abordagem pedagógica para os(as) docentes ao ensinar o conteúdo do esporte, e analisamos os resultados expostos pelos autores e as nuances encontradas em seus discursos.

Podemos concluir que o ensino através de modelos híbridos podem auxiliar os docentes e proporcioná-los subsídios para um ensino do esporte menos esportivizado e que tira o peso do elitismo, da alta performance e da preparação de atletas de dentro das aulas de EF, assim como é previsto pela legislação vigente da educação básica. Evidencia-se a necessidade de maior aprofundamento nas pesquisas sobre o ensino através desses modelos de ensino, visto que possuem lacunas dentro de sua proposta, a saber: fazer recortes das realidades vividas no Brasil; O tempo das aulas e materiais (estrutura), por fim, atendendo a legislação vigente, o esporte precisa ser tratado como conteúdo que amplie a linguagem corporal dos alunos/alunas. Outro fator importante são as questões de gênero e inclusão que atravessam as aulas, já que o esporte se materializa, em grande medida, num cenário masculinizado e de performance.

Portanto, com os resultados aqui apresentados, percebemos que a pergunta chave deste trabalho pode ser respondida em partes. Uma vez que, sim, é possível pautar um ensino que fuja do que a grande mídia tem objetivado. É preciso tratar o esporte da escola assumindo um olhar que avance em relação ao modelo tradicional de ensino, pois o mesmo reproduz a cultura de esportivização o que gera especialização para poucos. É preciso potencializar o aprendizado que contribua para a formação que possibilite a autonomia e emancipação dos discentes.

Diante disso, sugerimos que o ensino através de modelos híbridos possam auxiliar nas propostas pedagógicas como ferramenta didático-metodológica que supere a especialização e o processo de esportivização que foi propagado e tão criticado pelo movimento renovador na década de 1980.

REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter. **Educação Física e Ciência: Cenas de Um Casamento (In)feliz** - Valter Bracht. Rio Grande do Sul, Editora: **Unijuí Ijuí**, 2003. Acesso em: 8 fev. 2026. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/753>

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Ed. 42°, Rio de Janeiro: Vozes, 2014, p. 296. Acesso em: 8 fev. 2026. Disponível em: <https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/342302>

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A socialização como fato social total: notas introdutórias sobre a teoria do habitus**. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14 n. 41 maio/ago. 2009, p. 296-394. Acesso em: 8 fev. 2026.

DE SOUZA RIZZO, D. T. et al. **Educação Física Escolar e Esporte: Significações de alunos e atletas**. **Pensar a Prática**, v. 19, n. 2, 30 jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/40650>. Acesso em: 8 fev. 2026.

SARRUGE, C. L.; GINCIENE, G.; IMPOLCETTO, F. M. **O ensino da lógica do jogo de voleibol: Uma proposta a partir do Teacig Games For Understand e do uso de tecnologias**. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), v. 26, p. e26006, 11 fev. 2020.

FARIA, F.; CAREGNATO, A. F.; CAVICHIOILLI, F. R. **O esporte e a competição na educação física escolar: perspectivas educacionais a partir dos conceitos da pedagogia do esporte**. **Kinesis**, v. 37, 30 ago. 2019.

FARIA, F.; CAREGNATO, A. F.; CAVICHIOILLI, F. R. **O esporte e a competição na educação física escolar: perspectivas educacionais a partir dos conceitos da pedagogia do esporte**. **Kinesis**, v. 37, 30 ago. 2019.

SIMON, H. et al. **Educação Física Escolar e esporte na escola: narrativas de professores da década de 1980**. *Em Aberto*, v. 26, n. 89, 14 jun. 2013.

BELTRAME, A. L. N.; MENDES, M. T.; PRAZERES, **Esporte, Inclusão e Educação Física Escolar. Em debate: A Análise do projeto Cid-paralimpico**. M. M. V.. Publicação UEPG: Ciências Sociais Aplicadas, p. 306–316, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/72429350/Esporte_Inclus%C3%A3o_e_Educa%C3%A7%C3%A3o_F%C3%ADsica_Escolar_Em_Debate_A_An%C3%A1lise_Do_Projeto_Cid_Paral%C3%ADmpico

SOUZA JÚNIOR, O. M. DE; DARIDO, S. C. **Refletindo sobre a tematização do futebol na Educação Física escolar.** Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n4p920>

GIUSTI, João Gilberto Mattos; GALATTI, Larissa Rafaela; DA CUNHA VOSER, Rogério; AZEVEDO, Mario Renato. **O ensino do esporte através do jogo:** Análise, possibilidades e desafios na Educação Física Escolar. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 20, n. 3, 2017. DOI: 10.5216/rpp.v20i3.40709. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/40709>. Acesso em: 8 fev. 2026.

ARAÚJO, Samuel Nascimento de; ROCHA, Leandro Oliveira; BOSSLE, Fabiano. **Sobre a Monocultura Esportiva no Ensino da Educação Física na Escola.** **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 4, 2018. DOI: 10.5216/rpp.v21i4.50175. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/50175>. Acesso em: 5 fev. 2026.

CUNHA, G. B. DA et al. **Efeitos dos modelos pedagógicos do esporte sobre desfechos cognitivos e de habilidades motoras:** uma revisão sistemática. **Journal of Physical Education**, v. 35, n. 1, 9 mar. 2024.

CARVALHO BRASIL, Douglas Vinicius; RODRIGUES, Gilson Santos; PAES, Roberto Rodrigues. **Referências e referenciais para o ensino do Basquete 3x3 da Educação Física escolar.** **Movimento**, [S. l.], v. 28, p. e28042, 2022. DOI: 10.22456/1982-8918.121634. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/121634>. Acesso em: 5 fev. 2026.

FARIA, E. L. **Quando “rola a bola”:** reflexões sobre as práticas futebolísticas e a forma escolar nas aulas de Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 36, n. 2, p. 501–513, abr. 2014.

AURÉLIO, M.; VILMA LENÍ NISTA-PICCOLO. **O esporte e o ensino médio:** a visão dos professores de educação física da rede pública. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte : RBEFE**, v. 25, n. 1, p. 65–78, 1 mar. 2011.

VARGAS, Tairone Girardon; MORISSO, Maríndia Mattos; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; SAWITZKI, Rosalvo Luis. **A experiência do Sport Education nas aulas de Educação Física:** Utilizando o modelo de ensino em uma unidade didática de futsal. **Movimento**, [S. l.], v. 24, n. 3, p. 735–748, 2018. DOI: 10.22456/1982-8918.79628. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/79628>. Acesso em: 8 fev. 2026.

ROOS DA SILVA ILHA, Franciele; HYPOLITO, Álvaro Moreira. **Esportivização da Educação Física Escolar:** Um dispositivo e seus regimes de enunciação. **Movimento**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 173–186, 2015. DOI: 10.22456/1982-8918.55467.

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/55467>. Acesso em: 8 fev. 2026.

COSTA, Luciane Cristina Arantes da; MESQUITA, Isabel; OLIVEIRA, Amauri Bassoli de; SOUZA, Vânia de Fátima Matias de; PASSOS, Patricia Carolina Borsato; VIEIRA, Lenamar Fiorese. **O Esporte na Educação Física Escolar: Um conteúdo com potencial emancipador.** *Movimento*, [S. l.], v. 24, n. 4, p. 1077–1096, 2019. DOI: 10.22456/1982-8918.77060. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/77060>. Acesso em: 8 fev. 2026.

VAGO, Tarcisio Mauro. **O “esporte na escola” e o “esporte da escola”:** Da negação radical para uma relação de tensão permanente - Um diálogo com Valter Bracht. *Movimento*, [S. l.], v. 3, n. 5, p. 4–17, 1996. DOI: 10.22456/1982-8918.2228. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2228>. Acesso em: 8 fev. 2026.

CARLAN, Paulo; KUNZ, Elenor; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **O Esporte como conteúdo da Educação Física Escolar:** Estudo de Caso de uma prática pedagógica "inovadora". *Movimento*, [S. l.], v. 18, n. 4, p. 55–75, 2012. DOI: 10.22456/1982-8918.29643. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/29643>. Acesso em: 8 fev. 2026.

AMATO, Camila; OLIVEIRA, Eduardo Rodrigues de; LEONARDI, Thiago José; GINCIENE, Guy. **Aprendizagens emergentes dos diferentes papéis desempenhados pelos alunos no modelo Sport Education.** *Movimento*, [S. l.], v. 28, p. e28015, 2022. DOI: 10.22456/1982-8918.114101. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/114101>. Acesso em: 8 fev. 2026.

COSTA, Luciane Cristina Arantes da; PASSOS, Patricia Carolina Borsato; SOUZA, Vânia de Fátima Matias de; VIEIRA, Lenamar Fiorese. **Educação Física e Esportes:** Motivando para a prática cotidiana Escolar. *Movimento*, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 935–948, 2017. DOI: 10.22456/1982-8918.66430. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/66430>. Acesso em: 8 fev. 2026.

KALOKA, P. T. et al. **Efeito da aplicação da pedagogia não linear em jogos de invasão no desenvolvimento cognitivo, físico e afetivo de alunos do ensino fundamental.** *Revista de Educação Física*. v. 36, n. 1, 16 jun. 2025.

COSTA, L. C. A. DA; NASCIMENTO, J. V. DO; VIEIRA, L. F. **Ensino de Esportes Coletivos invasivos no ambiente escolar:** Da teoria à prática sob a perspectiva de um modelo híbrido. *Revista de Educação Física*, v. 27, 11 ago. 2016.

VALLE, P. R. D.; FERREIRA, J. D. L. **Análise de conteúdo na perspectiva de Bardin**: Contribuições e limitações para a pesquisa qualitativa em educação. **Educação em Revista**, v. 41, 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: **MEC/CONSED/UNDIME**, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 08 de Fevereiro de 2026.